

Obras de Ficção de Rui de Brito

1970 – Já se Pode Brincar na Relva (romance) – primeira edição

1979 – Três Vozes e um Coreto – Banana Split (romance) – primeira edição, versão não integral

1999 – Sud Express (romance)

2001 – Nos Olhos do Camaleão (romance)

2004 – Gatos e Homens (contos)

2007 – Banana Split (romance) – segunda edição, versão integral

Para os meus filhos,

Carlos Eduardo

Ana Maria

Emanuel

Pedro

a quem dedico desvelado amor, educando-os no culto da verdade recíproca para uma presença vertical na vida, única maneira de resistir dignamente à opulência ofensiva e aos carrascos da felicidade, a que todo o ser humano tem legítimo e quase divino direito.

Para a Maria José e para o Alberto Ferreira,

força e exemplo de quanto pode o amor e a inteligência, nesta guerrilha em que as circunstâncias inexoráveis do tempo nos lança.

Excelência

Excelentíssimo Senhor

Minha Senhora

Querido Amigo

Meu Amor

Creio não se necessário justificar-me perante alguém. Parte da vida, senão a maior parte ou mesmo toda, consome-se numa exaustiva exigência de justificações.

Estou convencido de que esse esforço em nada alivia a nossa existência nem tão-pouco nos melhora interiormente. Apesar disto, sensibiliza-me a grandeza de cada um e a generosidade de me deixarem viver sem pedir nem dar justificações.

Prefácio

Para lá, ou para além, tanto se me dá, das criteriologias estéticas e ideológicas, dos padrões de gosto literário e da divisão de géneros e espécies, da formulação do juízo dito objectivo, para fora de tudo isso que o leitor comum topará em manuais e lugares selectos, existe um país onde os conterrâneos se encontram e convivem em alegria e tristeza, amor e ternura, sonho e labuta, dor e prazer, em lirismo ou epopeia, em elegia ou sátira, à luz de verdades comezinhas ou altamente complexas (noéticas, estéticas, éticas, dia-noicas, epistemológicas, etc.) Tal país, a que o meu querido José Marinho chama “terra natal da verdade”, e eu designaria por “terra de martírio”, e onde o Rui de Brito metafisicamente diz *Relva... relva, relvinha tenra...* é um lugar onde o complemento circunstancial nada vale ou pouco manda. Nela nos abraçamos por um acto de opção do sentimento elevado, algo que nos aproxima da amizade. Ou da raiva de respirar o mesmo empestado ar do abutre e da hiena. Somente, ou sobretudo, por tal motivo me encontro aqui, nesta parte do livro, ainda não sei se em introdução se em posfácio ou sobreleitura, a falar. A falar, sim. A falar... Li e respirei aliviado, sem alívio. Vejamos se destrinço a contradição dos termos. *Aliviado* por verificar que Rui de Brito fizera explodir a sua “Capela Sistina” de há uns anos. No seu ninho de escombros e de cinzas metamorfoseou-se este *Já se pode brincar na relva*. Algo me aproxima inevitavelmente desta obra.

Vou tentar explicar-me. Quando me abeirei do antigo manuscrito com aquele título vaticano, embora sugerindo os mestres pintores da Renascença italiana, com Miguel Ângelo à cabeça desse cosmos, creio que escrevi nas margens: “meu caríssimo Rui de Brito, tens

aqui um filão rico de virtualidades. Abisma-te em ti mesmo. Percorre os sítios recônditos das tuas vivências, explora os subterrâneos onde a luz se oculta, rebusca o perdido sentido da palavra, amanhece depois com a tua linguagem rejuvenescida, põe tecido muscular na sintaxe, força nos verbos, originalidade no adjetivo. Entra mais dentro da maravilhosa realidade da palavra...”

A “Capela Sistina” ruiu. Dela me ficou na evanescente memória um fresco tremeluzente e quase espectral pintado ao pé da Sé de Lisboa. Aliviado: o escritor humildemente fez tudo, como se nos quisesse declarar que o seu terramoto profético não desfaz a vida pois os vivos sobrantes tornam a edificar as mesmas pedras e as mesmas esperanças. Entretanto porquê o meu desaliviado ai? Porquê o meu insofrido sem-alívio? É que ninguém resiste à tragédia de se ver ao espelho, sobretudo quando a reflexão nos mostra o seio desfeito e as rugas da bela de Rodin. *Já se pode brincar na relva* é o nosso castigo desnudado. É uma tremenda provação lírica e dramática, uma apelo na primeira pessoa para quem esteja habituado a respirar as sufocações dos poços de minas, quando o grisu sopra e o pulmão se contrai, adiando a explosão.

Engana-se quem pretenda julgar este terrível desabafo como um rio de subjectivismo larvar. Nada do que o personagem sente, repele, ama ou visiona, tudo o que crucialmente vive, desde a experiência sexual às vidências da cidade martirizada pelos estremecimentos da crosta terrestre com a morte igualizando o vampiro e as inocências das amorosas, nada do que nos é dado em câmara lenta ou rápidas mergulhadas sobre as coisas, se afasta dos favos da vida social. Ninguém pode ignorar a guerra, a vergonha das deserções, a cruel injustiça dos assassinatos políticos, a brutalidade nazi, o convencionalismo canibalesco duma sociedade a fingir que progride em casas e automóveis, frigorí-

ficos e pontes sobre o Tejo, quando a escola primária se esbarronda, esvaída, sem almas nem métodos, sem risos de criança nem protecção de mestres adultos... quando um sórdido egoísmo e a mais inclemente hipocrisia se disfarçam de cerimónias pascais de lava-pés, imaginadas nas noites de insónia de burgueses desesperados de ganhunça e desejos de celebra domingueira. Este é o mundo canibal. Um mundo desavergonhado que o escritor denuncia, mas que por sua vez o asfixia.

Esta obra tem o mérito singularíssimo de se distanciar da nossa miséria para a surpreender no orgasmo violentador da nobreza do homem, e, ao mesmo tempo, nela mergulhar gritando a dor de ser violado até à nascente da nobreza, ao mais íntimo do sonho e do sorriso. Tão depressa o autor nos castiga como berra o seu desespero. Tão depressa se eleva na idealidade do que há-de vir necessariamente nimbado da inocência infantil, como se degrada no sofrimento de quem sabe, de ciência certa, que nada tem conserto, que o mundo, decadente e minado nos alicerces do espírito, aguarda um cataclismo purificador: mais do que a terra a tremer de vergonha, um incêndio que ajuste as contas que ficaram insaldadas nas cinzas dos heróis torrados outrora no Rossio, “relaxados à justiça secular”. E lembra-me desesperadamente a morte de António José da Silva no queimadeiro. E a agonia na cegueira do boticário Serrão, reduzido ao hábito de penitenciário, rezando esmolos pela cidade de Lisboa, ele que fora académico, poeta e de família confortavelmente burguesa. E não sei bem porquê, associo a “Capela Sistina”, ex-narrativa que agora se chama *Já se pode brincar na relva* ao extraordinário testemunho de rebeldia e furor justiceiro de outro justicado, esse em Roma, no Campo dei Fiori, o “herético e impenitente” Jordano Bruno... E não consigo deixar de dizer que o seu principal juiz se chamou Cardeal Borghese, mais

tarde com o báculo de Paulo V... Porquê tudo isto? Saudades das heroicidades antigas? Não. Todos os dias o jornal vem cheio de novas da Indochina onde se morre a arder em napalm... A morte continua. A morte de condenados por burlas excomungadoras. A gente deste romance é de facto marginal. Excomungada. Somos nós... Somos nós a arder tão vagarosamente que não nos damos conta de que somos tão impenitentes como os que vestiram o sambenito pintado de chamuscas barrocas, com um mísero ser humano dentro, pronto a arder vivo, ali cercado de povo, aos uivos: “façam a barba ao cão!”. O mesmo povo que nós agora andamos a converter em herói. É dos livros. Sempre foi dos livros. Enquanto se confundir povo com população pouco acrescentaremos à gnosiologia do nosso ser social e histórico.

E cabe perguntar: JÁ SE PODERÁ BRINCAR NA RELVA?

Mas isso é assunto que se deixa ao critério de quem lê. Por mim, direi que não, que continua a ser rigorosamente proibido brincar na relva. Os editais camarários ainda vigoram, porque ainda existe quem os cole nas paredes...

E o livro? Independentemente do facto de gostar dele, descubro-lhe as estranhas, singulares ressonâncias. Por eu pertencer a um *tipo secundário*? Ou por razões menos psicológicas? Em primeiro lugar, lembremos que há um escritor pouco conhecido entre nós que se cruza no caminho deste livro: Raul Brandão. Repare-se que me não refiro a influências. Cuido até que Rui de Brito o não lê. Todavia importa que nos situemos num legado de cultura. Essa prolongada noite da subjectividade ferida em que os fantasmas de vadios, prostitutas, intelectuais lunáticos ou cínicos, esbanjadores do sexo e do pão, esfomeados de ternura e de manteiga, todo o cortejo exótico de figuras que deambulam pela

cidade aos montes, meio árabes meio espanhóis, fenícios ou turcos, pobretanas ou ricos, analfabetos ou artistas, andaram também pela alma de Brandão no *Humus*, n' *A morte de um palhaço*, no *Doido e a Morte*, Rui de Brito dá mais um passo em frente. Mais um. E digo-o convencido de que ele é um escritor de etapas, de vários livros que sucessivamente o vão revelando e ele neles se revela a si próprio. Porque escrever, neste homem, é um acto de aprendizagem da sua humana história, e o permanente repescar-se nas águas que se vão tornando transparentes à medida que as remexe...

Mal do crítico que se deixe prender nas aparências frustes. Mal daquele que não entenda que a escrita pode ser a revelação do ser humano à sua consciência, para repetir o que os outros já conhecem bem, ou ainda mal se aperceberam. Nada nesta obra é linear. Tudo é agressivo e poético, demolidor e barroco, concreto e visionário. A escrita surge espontânea, pouco cuidada, por vezes moderníssima e arrojada, outras ingénua, bárbara, com neologismos saídos do imaginário verbal, de significação adulterada pela vida interna do personagem ao mesmo tempo autor de um livro e, sobretudo, vivente duma experiência laboriosamente pensada e dramaticamente assumida na sensibilidade. A prosa, na sua explosão polémica e na mal alinhavada sintaxe (talvez premeditada), acaba por nos render, embora se exija do escritor novos esforços, mais duro trabalho, menos espontaneidade, ainda que isso tudo constitua também o seu encanto.

Conviria esclarecer as razões de tal distorção literária e artística. Em parte compreende-se pelo facto de o autor se não considerar escritor. Nada em tal atitude seria insólito se não houvesse em Portugal a ficção de se julgarem escritores todos os que escrevem. Pois bem: numa população essencialmente analfabeta e numa sociedade burguesa, da facto desinteressada